AVEIRO, 2 DE OUTUBRO DE 1981 — ANO XXVII — N.º 1358

Litoral

Director, editor e proprietário — David Cristo
Chefe da Redacção: Júlio de Sousa Martins
Redacção e Administração: Rua do Dr Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261)
Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

SEMANÁRIO
PREÇO AVULSO — 7$50

Bancada Litoral-Norte do

ANFITEATRO AVEIRENSE

ORLANDO DE OLIVEIRA

Concluídas as referências anteriores à Bancada Litoral-Sul, e feita a vénia respeitosa ao ladearmos a mesa magistral da sala de aula que é o distrito de Aveiro, vamos agora analisar a Bancada Litoral-Norte sob o ponto de vista que interessa à unidade distrital de que nos vimos ocupando.

Encontraremos em primeiro lugar o concelho de **Estarreja** com sede na vila do mesmo nome.

Com o primitivo nome de **Antuã** ou **Antuão**, o rio que lhe passa à ilharga, esta povoação pertencia à coroa e, sempre que alguém pretendia alcançar foros além da sua zona, os lançadores de impostos reais respondiam com a negativa, porque «esta é régia». Daí resultaria o nome de Estarreja, à qual D. Manuel teria concedido foral em 1519.

Gentes essencialmente dadas à agricultura, nomeadamente ao amanho das marinhas de arroz, souberam dar importância relevante aos mercados e feiras semanais onde se praticava largo comércio de cereais. É um regalo para os olhos e um hino ao trabalho e às qualidades humanas das suas populações um simples relancear de olhos pelos belos e verdejantes campos que cercam a vila e abundam por todo o concelho.

Até que um dia começou a pensar na respectiva industrialização, e principalmente a partir da instalação do antigo «Amoníaco Português», o desenvolvimento e o progresso da região desencadearam-se em flecha porque, depois dessa indústria produtora de fertilizantes para a agricultura, muitas outras se instalaram e progrediram. Assim, o concelho de Estarreja é hoje um concelho rico que teve um desenvolvimento próspero e escalonado dos seus povos.

Dissemos «escalonado» por-

Continua na 6.ª página

Continua na 3.ª página

Às vezes

AS ÁRVORES NÃO MORREM DE PÉ

IDÁLIA SÁ-CHAVES

Colhiamos de Setembro o grão e o mosto. As últimas espigas secavam nas eiras e os bagos de uva, melados de sol e açúcar, espasmavam-se em suco nos lagares. Insectos gulosos adejavam em núvens, colhendo os odores fortes e as gotículas perdidas dos trajectos. O Verão culminava, pujante de seca.

Carregava no ventre as pragas dos governantes, por cuja catarse o Verão tinha as costas largas.

Carregava no ventre a secura dum povo magro de inevitável austeridade.

Carregava no ventre a morte de mil árvores enegrecidas e esqueléticas, jacentes sobre a montanha e atirando ao

Continua na página 3

Insistindo na «Lota» para

"MUSEU DA RIA"

EDUARDO CERQUEIRA

Retomemos, sem pressas, mas com a pertinácia que o caso requer, o fio, só começado a desenrolar, à conversa sobre o pretendido «Museu da Ria». Mais propriamente sobre o «Museu Nacional da Ria».

O assunto dá largo pano para mangas. E o combate que se reinicia a favor desse velho anseio latente é para persistir com teimosia, e para vencer. É de quem quer, sabe o que quer e sabe querer. E de quem não se conforma nem se deixa enganar com inconvenientes evasivas meramente dilatórias ou mesmo enganadoras. Com o palavreado fiado com que se enganam ingénuos, e que se atira como poeira, acaso policroma, encandeadora, mas inconsistente como fumo, aos olhos das pessoas credulamente incríticas e infirmes. Às vezes iriado, quase macio como um afago benévolo, mas para turvar a vista, e a eventual suspicácia... e enganar os cândidos pacóvios — que na circunstância e, neste ensejo, não queremos ser. Nem seremos.

O «Museu da Ria» não é ideia de agora. Já no último lustro do século passado, José Maria de Melo e Matos — um competente e ilustrado engenheiro, portuense de nascimento, que tão devotada e proficientemente se integrou nos problemas aveirenses — elaborou um plano circunstanciado, e ainda hoje muito válido, para uma frustrada exposição etnográfica regional, e nele deixou enunciadas as bases para o museu que agora ambicionamos veementemente. Deixou, aliás, criteriosamente estabelecidas e fundamentadas, nesses incipientes tempos dos estudos etnográficos, as secções da exposição projectada e nas quais se subdividiria criteriosa e metódica e didacticamente o museu que nesse texto poderia inspirar-se.

E não era apenas esse aveirense de devoção, mas pelo menos um

Cont. na página 2

Assestando o binóculo na PONTE-PRAÇA

AMADEU DE SOUSA

Em termos de xadrez, ensaiámos um lance de salto de cavalo, e tomámos a posição do Largo do Conselheiro Queirós, frente à prestimosa Banda Amizade, que dentro de três anos completa século e meio de existência.

É que uns zunzuns postos ultimamente a circular, apontam para o esboço de uma grave crise no seio da «Música Velha», pondo em perigo a sobrevivência da colectividade, portadora de um brilhante historial na cultura da Música, de tão gradas e saudosas tradições na nossa cidade.

A idade e o desgaste físico — melhor dizendo, a falta de fôlego — da maioria dos executantes, não deixam as notas, mesmo as semifusas, chegar ao fim! Pior ainda é

Continua na 3.ª página

EMBAIXADAS de LIXO

MARCOS

SEGUNDO notícias publicadas nos nossos jornais do Norte, visitantes portugueses daquela estirpe a que alguém chamou (a nosso ver com inegável espírito) «turistas de garrafão e bola de trapo» e que ultimamente em grandes massas têm afluído, em especial à cidade espanhola de Vigo, estão a provocar clamoroso escândalo, a ponto de as autoridades locais terem decidido tomar enérgicas medidas de contenção, inclusivamente o não estacionamento dos seus autocarros em certos sítios, ao mesmo tempo que a colónia portuguesa se considera vexada pelo mau comportamento

Continua na 3.ª página

Uma opinião pessoal

REGIÃO DAS BEIRAS — *Vingará?*

MANUEL BÓIA

Devo confessar que a adesão do «Litoral» à campanha para a criação da Região Administrativa das Beiras reveste-se de muita gravidade. E duvido mesmo que ela seja uma expressão sincera da alma do seu ilustre Director — a nota pública, inserida no último número, não vem assinada... — antes sendo uma iniciativa de alguém que ainda não se convenceu de que tal política é irrealista para Aveiro.

Infelizmente, muito mais do que demolidora, seria mesmo catastrófica!

A Região das Beiras começaria por provocar a divisão imediata do Distrito, pois dos concelhos de Ovar e Oliveira de Azeméis para cima, em número de oito, nenhum estaria interessado nessa opção, preferindo, com êxito assegurado, a sua passagem para uma eventual Região Norte, com sede no Porto. Aveiro-capital de distrito ficaria, então, eliminada socialmente, chegando-se a uma solução contrária aos seus permanentes interesses de proeminência na vida do país.

Maior perigo, também, seria a automática subordinação da nossa terra à nova capital regional, com Coimbra nas funções de grande controle, mas de onde só temos a esperar confusão, negligência, despotismo, opressão. Esbanjaria, num ápice, toda a nossa riqueza econó-

Continua na 3.ª página

Pedem para dar!

«BOMBEIROS NOVOS»

As obras do *novo* quartel dos «Novos» de Aveiro — Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes» — já arrancaram, conforme tempestivamente aqui noticiámos. Mas, apesar dos contributos de entidades oficiais (designadamente da nossa Câmara Municipal), a verdade é que tão simpáticos, oportunos e compreensivos auxílios não chegam para cobrir os elevados custos do imprescindível edifício que, desde há muito, se impunha, para eficientemente e condignamente servir os bravos e altruístas «Soldados da Paz», sediados na freguesia da Vera-Cruz, mas sempre presentes aonde quer que a *sereia* os chame para salvar a vida ou os haveres do «Irmão-Homem».

«Emanadas da vontade popular, as corporações de Bombeiros Voluntários só podem viver desde que as comunidades que as criaram, e para as quais existem, não as

Continua na 3.ª página

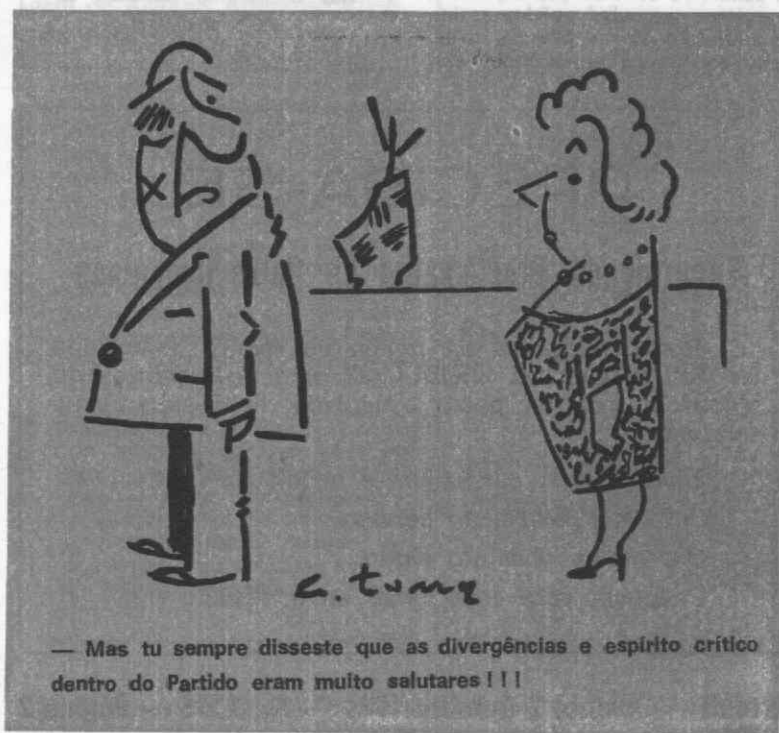
«TURISMO DEGRADANTE»?!

JOÃO JERÓNIMO

EM artigo publicado no «LITORAL» de 11 de Setembro de 1981, intitulado «Turismo degradante», veio a terreiro o Sr. Marcos tecer umas quantas considerações temperadas por uma veemente indignação sobre o tema que dá título ao seu artigo, ou seja, a degradação de que estaria a ser alvo o turismo da nossa cidade por banda do seu contingente mais jovem.

Venho eu, por réplica, alçar voz pelo turismo juvenil, pelo turismo pelintra e, acima de tudo, pela nossa caseira juventude, talvez «excêntrica», talvez «ridícula» (para o Sr. Marcos, claro), talvez até «pouco envergonhada», mas nunca «imitadora».

A juventude de todo o

Continua na 6.ª página

— Mas tu sempre disseste que as divergências e espírito crítico dentro do Partido eram muito salutares!!!

«MUSEU DA RIA»

Continuação da 1.ª página

de nascimento, e que por muitas razões merecia ser mais lembrado dos seus conterrâneos. Na verdade o meritório trabalho de Melo e Matos foi efectuado a pedido do Barão de Cadoro, que por essa ocasião orientava o arejado Ginásio Aveirense, a par do que foi seu genro, o grande desportista Mário Duarte, e que nós trazemos também desplicente e ingratamente esquecido de que foi uma das mais interessantes e originais personalidades desse período áureo da intelectualidade local.

O autor do estudo assinala, meticulosa e lucidamente, as facetas que verdadeiramente importava documentar — agora de certo ainda mais que então, já que estamos cada vez mais arriscados, nestes tempos razoirantes, igualizadores, cosmolitizadores, a que tudo vá desaparecendo, sem deixar marcar nem lembranças do que nos antecedeu e caracterizou genealogicamente.

Já, pois, há uns oito decénios e meio o problema se pressentiu, e ficou sugerido. Nesses bons e invejáveis tempos em que havia homens muito maiores que a cidadezinha pacatíssima, modesta e rotineira. E Aveiro, muito mais que hoje — não obstante o seu progresso e crescimento notórios, e ter já hoje a inestimável fortuna de possuir uma promissora Universidade, que, além do mais, é o esperançoso cadinho de um porvir intelectual de mais amplos horizontes — contava como verdadeira e multímoda elite, que lançou a boa semente para realizações futuras, como, por exemplo, o Museu existente, de que legitimamente nos orgulhamos, e soube organizar a memorável Exposição (de que em breve passa o centenário) que logrou dilatadíssima projecção, por assim dizer, prestigiante e paradigmática.

Pois desse projecto pormenorizado de exposição basta quase, para o nosso presente anelo, que onde se previam miniaturas e fragilidades de uma temporalidade escassa se apontem as reais proporções para cada um dos espécimes nos diversos itens referidos.

Mas a ideia em germinação volitou por aí de novo, por novas causas ocasionais que a fizeram ressurgir há uns poucos de decénios. Já, por exemplo, quando um pintor espanhol de nomeada, de comprovada cultura e apuradíssimo gosto por aqui andou, pela década dos anos trinta, a desencantar, com requintados cuidados de escolha, espécimes escorreitos que representassem fidedignamente as nossas embarcações típicas, sem par, quer esteticamente quer em aspectos de arquitectura naval.

Socorreu-se da argúcia e da familiarização, a todos os níveis sociais, do seu meio natal do penetrante e desenvolto Lourenço Vicente Ferreira, que, não obstante as suas consabidas limitações de iletrado, pela agudeza de espírito e uma larga disponibilidade prestadia, viveu no convívio, por vezes de certa intimidade, de vários dos aveirenses com maior evidência, e foi, sem dúvida, das mais curiosas figuras de Aveiro, durante dezenas de anos.

Com esse amparo, e esse guia, que lhe abriu de par em par todos os caminhos úteis ao seu objectivo, o artistas espanhol, pôde, assim, mais afoitamente, escolher. E levou, como documento etnográfico relevante, para permanente mostra no museu americano que lhe confiara essa missão, o que lhe pareceu de mais significativo interesse.

Então reaflorou a importância, extremamente demonstrativa e honrosa, local e regionalmente, desse empreendimento que nos queria uma presença, e nos realçava nesse aspecto.

Só que Aveiro era ainda uma pobretana cidadezinha anfíbia, rotineira, patrasanal, sem disponibilidades para além de um dia-a-dia modesto. Viu, ufana, a valorização alheia, ou o reconhecimento alheio do valor dos barcos que ainda vogavam às centenas nas plácidas águas lagunares reaviventadoras — onde se deslocavam, lestos, leves e airosos, como se houvessem sido concebidos para uma integração perpétua com o meio ambiente, e constituíssem o autêntico museu, vivo e deslumbrador.

O movimento, latentemente e permanentemente potencial, reapareceria, ainda então tíbio e inoperante, quando daqui estimuladoramente seguiram para Munique e Exeter — e, assim, para a Alemanha e para a Inglaterra — exemplares de elegantíssimos «moliceiros», que se encontram expostos, com alguma evidência, em qualificadíssimos museus da especialidade, entre os barcos que, à escala mundial, se revestem de mais expressivo e valioso significado de arquitectura naval e sentido antropológico. O tema, esse anelo sem viabilidade, imediata, ressumou uma vez mais, acaso já mais insistentemente. Por falta de disponibilidade, ou de capacidade mesmo, mais uma vez se frustrariam esses desígnios sem pertinácia.

Não nos apanhou desatentos, e muito menos negativamente desinteressados, esse ensejo repetidamente malogrado, de congregar esforços e meios para uma concretização. A premência acentuava-se e a consciencialização dela começava a tomar volume.

E não nos foram indiferentes, antes incentivadoras e acerbamente críticas para a nossa falta de perseverança, as demonstrações de lisonjeiro apreço, que, por exemplo, o categorizado e conhecedor especialista britânico que aqui se deslocou em representação do museu de Exeter, exprimiu nessa ocasião. E é bom recordar que essa autoridade, com toda a sua sapiente experiência considerou o barco recurvo, em quarto crescente, das pitorescas e vigorosas artes da «xávega», como o barco mais belo do Mundo — exagerando, concedemos, mas com sinceríssima convicção aparente.

O «barco do mar» de que um dia o tão autorizado, pertinaz e devotado estudioso dos temas de arquitectura naval, de tão apurada acuidade estética que era o Mestre Martis Barata, encontrou — como me contaria, ao mesmo tempo lamentoso e acerv0 — em riscos de a curto trecho se perder, a desconjuntar-se, abandonado como um traste inútil, sobre uma duna, lá para as bandas da Vagueira, um exemplar técnica e esteticamente insuperável — e que a endémica falta de verba (para o caso, de montante quase ridículo) não permitiu recolher no Museu da Marinha, e irreparavelmente se perdeu.

Não devo esquecer, por justiça e gratidão bairrista, a insistência com que outra grande autoridade na matéria, o Arquitecto Octávio Filgueiras, ao tempo com justa proeminência no sector respectivo da Junta de Educação Nacional, imaginava a criação de um museu do género, em pavilhões aligeirados (e, assim, mais viáveis) à margem, erma, vasta e desaproveitada, do topo inicial de S. Roque, do lado de lá da Ponte de S. Gonçalo — aquela a que, eu não sei porquê, agora se chama obsessivamente Ponte de S. João.

E, claro, tinha quem o acompanhasse, e secundasse, e animasse, ao nível local, no seu sonho aliciante. E na sua lúcida compreensão do problema, e no entusiasmo com que lhe apostolizava a solução.

Naturalmente que não ignoro que águas passadas não movem moinhos. Nem erguem e firmam, convenientemente planificados e funcionais, quaisquer espécies de museus. Mas são de algum modo o germe deles. As suas primeiras radículas. E não será, porventura, inteiramente inútil que se saiba que não temos andado de todo cegos ou indiferentes, desde há uma data de tempo, desta recolha preservadora do nosso património cultural, no âmbito da laguna.

E, no ensejo, não olvidarei o material, em escala reduzida, mas de escrupuloso rigor, ou de espécies embalsamadas da fauna lagunar, que o Almirante António Caires da Silva Braga reuniu, para guarnecer um apreciado pavilhão durante as festas milenárias de 1959, e que depois ordenou na Capitania do Porto, em que, ao tempo, superintendia.

Juntou, na oportunidade, e ainda após a Milenário alavariense, muito criteriosamente, miniaturas de embarcações e de uma salina, apetrechos e utensílios de umas e outra, e espécimes ictiológicos e ornitológicos mais frequentes e mesologicamente característicos da nossa região marinhoa.

Sucedeu, apenas, que a escassez de espaço e deficientes condições expositivas da Capitania não permitiram que ali se mantivesse largo e bem seleccionado acervo, sem dúvida prestadiamente útil, para um globalístico conhecimento desta zona singularíssima. E o valioso conjunto, fadigosamente constituído — que poderia servir de inspirador ponto de partida — devidamente ampliado nas instalações, que agora «nos caiem do céu», e com as peças, de isso susceptíveis, amplificadas até às dimensões naturais — para o almejado museu, viria a degradar-se acentuadamente. Perderia, assim, toda a valia documental e cultural, mesmo no lugar aparentemente adequado para onde foi transferido. Ia a dizer trasladado, como se pensasse já na exumeração de um cadáver. Ou transplantado. Num enxerto duvidoso... que não pegou.

Aí imaginamos, em súmula, o amplo museu para que encontramos o lugar capaz e está, no campo cultural, entre as nossas mais vivas aspirações.

Creio que seria um erro clamoroso — se não um crime de negligência regional e nacional — deixar de efectivar agora, que o assunto tanto se agita e agrega boas vontades tão promissoramente, essa aspiração cada vez mais ardente. E ir dispondo a Junta Autónoma e as entidades superiores que no assunto interferem a entregar o complexo da «Lota», para o «Museu da Ria», que pretendemos e de que não desistimos.

EDUARDO CERQUEIRA

EMBAIXADAS DE LIXO

Continuação da 1.ª Página

cívico dos seus compatriotas, ao concentrarem-se nos jardins e praças públicas da referida cidade!

Que saibamos, pelo menos um dos jornais que ali se publicam, achou tão merecedor de reprovação tal procedimento que foi a ponto de consagrar uma página inteira a fotografias dos «nossos bárbaros e seus arraiais» naqueles locais onde se estabelecem durante as suas actividades gastronómicas.

Contrariamente ao que seria de esperar de gente que, por via de regra, não é organizada, estes «invasores» apresentam-se «cientificamente» apetrechados, fazendo-se acompanhar de mesas articuladas, cadeiras, sacos de plástico, caixas, garrafões (vários), frascos, utensílios de cozinha, nomeadamente fogareiros (simples e churrasqueiros), enfim, tudo o que uma longa prática petisqueira prescreve para a correcta preparação ao ar livre dos mimos comestíveis do cardápio nacional que dão conforto ao estômago e deliciam a alma!

Quanto à bola de trapos que por vezes figura no equipamento turístico, sobretudo da gente mais nova, ela destina-se fundamentalmente, não à prática do desporto, mas sim a entreter o pessoal enquanto a refeição se prepara e, depois do ágape servido e deglutido, acelerar o «esmoer» do mesmo, com vista a evitar o estado letárgico característico de uma abundante e bem regada patuscada. Sem este cuidado, quantos desastres mais não se dariam na estrada que teríamos de lamentar todos os domingos na volta ao lar, quantos, se apesar disso é aquilo que nós sabemos?

Referindo-se a alarmante notícia não só ao aspecto pouco civilizado durante a ocupação, mas, sobretudo, ao estado deplorável de lixeira em que os visitantes deixam, quer os jardins, quer as praças públicas, chegada a altura da partida de regresso ao nosso País, em que os papéis, restos de comida, cascas, taras vazias, sacos de papel, latas de conserva e tudo o mais que é possível ser rejeitado ou esquecido, os nossos vizinhos, havemos de concordar, têm fortes razões para se queixarem e para se melindrarem.

E, então, as autoridades decidiram entrar em acção, chegando mesmo a pensar na proibição do estacionamento das viaturas portuguesas nas proximidades dos locais críticos! Mas não nos admiremos. Bastará reparar no que se passa aqui, nesta bela terra de lazer que se chama Portugal. Assim, por exemplo, num aprazível domingo, saiam para a estrada e tomem atenção ao que se passa nos sítios mais propícios para um alto de repouso dos nossos compatriotas e vereis, certamente, várias pessoas vestidas à frescalhota de volta de uma mesa, rodeadas dos vários apetrechos que podem significar refeição campestre, algumas delas surpreendidas a escorripichar um copo ou a devorar um pedaço de frango, com o apetite de quem aprecia a Natureza e lhe sabe extrair o devido valor! Porém, pena é que não possam esperar para verificar o estado de imundície em que esse local vai ficar após a partida dos acampados. E quem diz estrada, diz praia, diz pinhal, diz curso de água, diz fonte, diz miradoiro, diz parque — e assim por diante!

Com efeito, continuando pela estrada fora, novas montureiras serão avistadas e denunciadas facilmente pela abundância de papéis, acusando sem quaisquer dúvidas a passagem de comezainas, de piqueniques, de reuniões familiares, enfim, de turismo praticado pelo pessoal da casa lusitana. E como todos têm de comer, segue-se a invasão dos ratos, das moscas, das formigas, dos mosquitos e demais insectos voadores, do que resulta o terreno não poder voltar a ser utilizado, para este efeito, sem uma quarentena!

Por este processo continuado, curiosamente as nossas estradas vão ficando assinaladas por molduras de lixo que um dia, quando se fizer tal descoberta, irão facilitar os trabalhos fotogramétricos no levantamento das cartas topográficas, passe a ironia!

A contrastar com o que acabo de descrever, seja-me permitido contar aquilo que pude observar num dia destes na estação de caminho de ferro de Aveiro.

Como já vai sendo normal entre nós, por toda a parte, espalhados pelos pavimentos, dentro e fora, uma acentuada abundância de pontas de cigarro, invólucros de gelados, papéis amarfanhados, caixas de fósforos e até secreções bucais, etc., dando bem aquela nota de um povo que quer ser livre de qualquer obrigação, inclusive de ser asseado!

Na plataforma central, um casal de andrajosos turistas estrangeiros, sentados no chão, comiam pacatamente um frugal almoço que metia um ovo cozido para cada um. Enquanto tiravam cuidadosamente a casca, beijavam-se na boca de quando em quando, sem qualquer sensualidade, como se apenas para despertar o apetite de tão pobre refeição.

Terminada a operação, pude ver — naturalmente com espanto e admiração — que as referidas cascas eram guardadas no saco de plástico, dando uma lição, desta vez bem digna de ser seguida pelos portugueses!

Talvez seja por isso que certos políticos, se mostrem tão entusiasmados em defender que nenhum país pode desempenhar melhor o papel de charneira de ligação entre o Mundo Civilizado e o Terceiro Mundo do que Portugal!!! Quem sabe se têm razão?

Não se trata de querer fazer espírito de fraca qualidade: trata-se, sim, de trazer à superfície o desgosto que sentimos em face do que se passa! Claro, disto e muito mais.

21.Setembro.81

MARCOS

«Bombeiros Novos»

Continuação da 1.ª página

desamparem» — isto se lê num apelo que a corporação em causa recentemente fez distribuir.

Ora os «Bombeiros Novos» contam com a *compreensão* dos Aveirenses (e nem diremos *generosidade*, porque eles só PEDEM PARA DAR!).

No dia 25 do corrente (último domingo do mês), abnegados amigos-colaboradores, levam a efeito um CORTEJO DE OFERENDAS. Se és Aveirense — CONTRIBUI! Sejas, ou não, contactado. NÃO RECUSES O TEU ÓBULO!

OS BOMBEIROS PEDEM PARA DAR!

Assestando o binóculo

não existir um banco de suplentes à altura, para poder substituir o lote dos músicos de reconhecido valor que, por força dos anos e da saturação, se vêem compelidos a abandonar o agrupamento que, com tão desvelado carinho e, por vezes, sacrifício, têm ajudado, dando assim, com o seu exemplo, continuidade ao prestígio granjeado em actuações sem conta.

Ressalta, deste modo, a necessidade urgente de instalar na esplêndida sede uma escola de formação musical, que possa gradualmente preencher as vagas dos elementos em vias de «reforma». Mas, por força do reconhecido mérito de execução dos que se afastam, terá de ser um estabelecimento de ensino que reúna as condições didácticas indispensáveis, para que os jovens músicos possam amanhã suceder aos seus antecessores.

A Banda Amizade, única representante do alforje de valores musicais que outrora enriqueceu o panorama cultural aveirense, não pode sossobrar. Exigem-no as tradições de uma terra que foi (não é, mas terá de ser) uma das mais devotadas à Música.

A terminar, três apelos: primeiro, que se incentive o gosto musical nas camadas jovens; segundo, que os aveirenses ajudem por todas as formas a criação e manutenção permanente da Escola que se impõe; terceiro, que os «velhotes» se aguentem mais uns tempos nas flautas, e vão soprando nos clarinetes, quanto mais não seja com a ajuda de balões de oxigénio!...

Isto, porque a Banda Amizade não pode sujeitar-se a um xeque-mate.

— :: —

Agora, noutro salto de cavalo, digno de Alekine, eis-nos em São Gonçalinho — palco de famosos duelos musicais entre a «Música Velha» e a saudosa «Patela», do também saudoso mestre António Lé — a contemplar o abandono, quer interior quer exterior da capela, problema que tratámos, em devido tempo, nestas colunas.

Pois é-nos grato anunciar que está para muito breve a constituição da comissão de obras, destinada a angariar fundos para a restauração do templo, através de subscrição pública e outros meios, os quais serão depositados em conta bancária, constituída para o efeito.

A unidade monetária com equivalência ao escudo, para as obras — ouvido São Gonçalinho — denominar-se-á «cavaca».

Desde já, vão preparando as sacas!...

AMADEU DE SOUSA

REGIÃO DAS BEIRAS

Continuação da 1.ª Página

mica e cultural, sem nenhum respeito pelos nossos interesses, pelas nossas decisões, pela autêntica liberdade dos cidadãos de Aveiro!

Sinceramente, não esperava que fosse possível, por aveirenses e por um jornal de Aveiro, vir a ser defendida uma proposição de tanta (ir)responsabilidade, acalentando uma tese de divisão administrativa que nos é insidiosamente adversária. Já nos esquecemos que nestes últimos anos a cidade de Coimbra (reforçada pelo nosso comportamento ingénuo...) deu largos exemplos de totalitarismo? Usurpou-nos o Batalhão da Guarda Fiscal e a Delegação do Ministério da Agricultura; move forte campanha pela construção urgente do troço rodoviário Aguieira-Trouxemil, para que a estrada Viseu-Figueira da Foz seja prioritária à via rápida Viseu-Aveiro; promove a desagregação da Região de Turismo do Distrito de Aveiro em troca de uma falsa Região de Turismo do Centro; intromete-se para que o Centro Tecnológico da Cerâmica e do Vidro não seja localizado junto da nossa Universidade; recusa-nos a aprovação de cérceas urbanísticas sem a mínima e clara fundamentação e impõe um Comando Regional de Bombeiros, que esfacelou a nossa mui prestigiosa Federação Distrital, agora dividida e sujeita ao regime de dois comandos, qual deles o mais anti-aveirense!!!

Com profundíssima tristeza e abusando das liberalíssimas normas de abertura do «Litoral», contesto a posição assumida, pensando que os aveirenses nada ganhariam em ignorar o meu parecer. Dado que sempre evitei fugir às responsabilidades, assumo aqui, frontalmente, a minha. Mais uma vez afirmo, sem «bairrismo do tipo clubista», que o progresso de Aveiro depende, de forma suprema, do que o Distrito de Aveiro vier a ser. Se o deixarmos retalhar, será a nossa entrega total. Mas, se nos sentirmos dignos de Homem Christo ou Alberto Souto, então mostremos aos governantes, sem restrições, que queremos ser uma das Regiões Administrativas portuguesas. Nós saberemos administrá-la com alto proveito para o país.

Que os adversários desta minha política desdenhem e não a apoiem, já o espero. Mas, porque é um combate que me mobiliza há vários anos e é resoluta a minha vontade de ajudar a garantir a sobrevivência de Aveiro, peço aos meus conterrâneos, se quiserem ser aveirenses livres, apenas mais um esforço: não se iludam pelos cantos de sereia do «Diário de Coimbra» e não deixem trocar o nosso florescente e portentoso Distrito de Aveiro pela miragem de Regiões Administrativas ideais!

Manuel Bóia

N. da R. — Sem embargo da crítica (explícita) do ilustre autor do artigo que antecede à anuência do «Litoral» ao movimento em causa, não poderíamos deixar de publicá-lo, na linha de abertura que é tradicional nesta modesta folha. Todavia, chamamos a atenção do leitor para a nota que precedeu o texto «Aveiro na Regionalização», aqui dado à estampa na semana transacta; e gratos nos confessamos ao tão prestigiado semanário aveirense «Correio do Vouga» — que, segundo se lê na sua última edição, «também enfileirou no cortejo» — pela transcrição de uma passagem do que, nestas colunas, sobre o tema se escreveu em 18 de Setembro transacto.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta . . .	MOURA
Sábado . . .	CENTRAL
	HIGIENE (Esgueira)
Domingo . .	MODERNA
	HIGIENE (Esgueira)
Segunda . .	ALA
Terça . .	AVEIRENSE
Quarta . .	AVENIDA
Quinta . .	SAÚDE

UNIVERSIDADE DE AVEIRO

● **UMA CONFERÊNCIA DO PROF. MARQUES DE SÁ**

O Doutor Eduardo Marques de Sá, distinto Professor do Departamento de Matemática da Universidade de Aveiro, pronunciou recentemente, no Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra, uma conferência com o título «Factores Invariantes de Matrizes e Submatrizes».

A referida conferência insere-se nos trabalhos do Centro de Matemática da Universidade de Coimbra (do INIC), de que é membro o Prof. Marques de Sá. Nela estiveram presentes Professores espanhóis do Departamento de Matemática da Universidade de Vitória.

● **SERVIÇOS SOCIAIS**

Anuindo ao pedido que nos foi fetio, publicámos, na semana transacta, um comunicado, subscrito por 34 alunos (e, assim, de sua exclusiva responsabilidade) referente a Serviços Sociais, da Universidade de Aveiro, mais especificamente aos do Refeitório.

Em 25 do mês findo, o prestigiado matutino nortenho «Jornal de Notícias» deu à estampa (com o título «Refeitório da Universidade já está em funcionamento») um texto sobre o assunto que, pela sua pertinência, e com a devida vénia, a seguir transcrevemos.

«Após ter sido sujeito a obras de ampliação, já entrou em funcionamento na passada terça-feira, o refeitório da Universidade de Aveiro.

O encerramento do refeitório mereceu uma tomada de posição de protesto, por parte de alunos sujeitos a exame durante o corrente mês, que não pouparam os responsáveis pelos Serviços Sociais, chamados de «incompetentes» e acusados de «falta de sentido do dever».

Refutando as acusações, o vice-presidente dos Serviços Sociais Universitários, dr. João Peliz Ribeiro, disse ao JN que se procurou evitar situações de prejuízo para os alunos. Só que não foi possível reabrir o refeitório no dia 15, como se previa, porquanto faltou cimento no mercado para o empreiteiro poder concluir os trabalhos, orçados em 4.750 contos, e que permitirão criar mais 120 lugares sentados.

Aquele dirigente acrescentou que os Serviços Sociais irão conceder bolsas aos alunos, por forma a indemnizá-los pelas refeições tomadas fora da Universidade, enquanto o refeitório esteve encerrado para as obras, que tiveram início em 31 de Julho passado.

Alegando que os alunos não tinham razão nos protestos e que só uma dezena de bolseiros tinham exames nos primeiros dias de Setembro, o dr. João Peliz Ribeiro revelou que, numa manifestação de boa vontade dos Serviços Sociais, também os não bolseiros serão contemplados com indemnizações.

O refeitório universitário, após as obras de beneficiação e ampliação, tem capacidade para servir, durante as duas horas de funcionamento (12 às 14 horas), 800 almoços, enquanto anteriormente não podia ir além de 450. Assegura ainda o serviço de jantar, embora em número de refeições muito mais reduzido.

Estando o problema resolvido para os próximos dois anos lectivos, aquele mesmo dirigente revelou que já foi adjudicada a uma firma de Lisboa a elaboração do projecto para um novo refeitório, com capacidade para três mil utentes, e cujas obras deverão ter início em fins do próximo ano.

A propósito do refeitório, os alunos criticam, no seu comunicado, que se continue a gastar milhares de contos em «remendos», com ampliações ano após ano, quando, numa boa gestão dos dinheiros públicos, se deveria ter já avançado para a construção de instalações de raiz. Esta posição, aliás, merece um certo consenso dos Serviços Sociais Universitários... mas valores mais altos se levantam, que transcendem a sua competência, situando-se ao nível do Terreiro do Paço...»

No Centro Paroquial de S. Bernardo JORNADAS DE PASTORAL SOCIAL

Vão realizar-se, nos dias 3 e 5 do corrente, umas jornadas de Pastoral Social, no Centro Paroquial de S. Bernardo, promovidas pela Diocese de Aveiro, para dar início ao próximo Ano Apostólico.

Do programa destacam-se os seguintes temas: 1 — O novo Plano de Acção Pastoral da Diocese de Aveiro; 2 — O sentido da doutrina social da Igreja; 3 — O tipo de sociedade que a Igreja se propõe ajudar a promover; 4 — O novo contexto sócio-cultural da evangelização; 5 — A animação cristã das realidades do mundo actual; 6 — As estruturas pastorais consequentes, designadamente a paróquia.

Estão inscritos muitos participantes, prevendo-se uma intervenção muito activa da parte da assembleia. Os temas serão tratados por um grupo de especialistas de Aveiro e de Évora e servirão de base ao trabalho pastoral a desenvolver, quer nos arciprestados, quer nas paróquias de toda a Diocese.

Senhora — Oferece-se

— 38 anos, precárias circunstâncias; procura emprego.

Resposta a este jornal ao n.º 2122.

Capela do Senhor das Barrocas DIA DA COMUNIDADE

O tão creditado e dinâmico «Movimento Apostólico e Cultural das Barrocas» promove o DIA DA COMUNIDADE, com o seguinte aliciante programa:

No próximo Domingo, 4: às 9.30 horas, missa; às 11 horas, prova de Atletismo, para corredores federados e não-federados (aceitando-se inscrições no Café Viegas); às 21.30 horas, concerto de Música Coral, no interior do Templo, com a presença do «Orfeão de Esgueira» e «Cantores das Barrocas» (em estreia na Cidade).

Na segunda-feira, 5 (Feriado): às 10 horas, missa; às 15, folclore, com a participação do «Grupo Folclórico da Região do Vouga», do «Grupo Folclórico da Casa do Povo de Cacia» e do «Grupo Folclórico do Baixo Vouga» (de Eixo); às 21 horas, exibição da «Banda Ovarense» e da «Banda Infantil do Senhor do Álamo».

NOTA — A anunciada homenagem ao Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, Dr. José Girão Pereira, fica adiada para data a designar, por motivo de ausência do ilustre autarca, no dia 3, que terá de participar num Congresso, no estrangeiro.

JUVENTUDE SOCIAL DEMOCRATA

Da Comissão Política Distrital da J. S. D., recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte

COMUNICADO

Realizou-se, no dia 19 de Setembro, o Conselho Distrital da Juventude Social Democrata de Aveiro, no qual foi deliberado o seguinte: 1) — Aprovar os Relatórios de Actividades e de Contas resultantes do mandato da Comissão Política Distrital anterior, e que agora cessou funções; 2) — Eleger a nova Comissão Política Distrital, a qual passou a ter a seguinte composição: Secretário Distrital, Jaime Gomes (Espinho); Secretário Distrital Adjunto, Celso Carvalho (Sever do Vouga); Secretário Geral, José Portugal da Fonseca (Aveiro); Vogais — Amadeu Gomes (Águeda); Joana Ferrer Antunes (Aveiro); Joaquim Costa (Mealhada); Jorge Greno (Aveiro); José Pires (Mealhada); José Tendeiro (Águeda); e Manuel Santos Costa (Aveiro).

INATEL
Congresso Internacional

Realiza-se no Centro de Férias do INATEL na Vila da Feira um congresso do **Comité Sportiv International du Travail** (CSIT).

Os Congressistas serão recebidos, no dia 3, na Câmara da Vila da Feira. Os trabalhos com a participação do INATEL decorrerão até 8 de Outubro.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta-feira, 2 — às 21.30 horas; sábado, 3; e domingo, 4 — às 15.30 e 21.30 horas — VESTIDA PARA MATAR — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Terça-feira, 6 — às 21.30 horas — OS CÃES DO ÓDIO — Interdito a menores de 13 anos.

Quarta-feira, 7 — às 21.30 — O PASSAGEIRO DA CHUVA — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Quinta-feira, 8 — às 21.30 horas — TEMPO DE FÉRIAS — Não aconselhável a menores de 13 anos.

— Cine Avenida

Sexta-feira, 2 — às 21.30 horas — O DRAGÃO DO KARATÉ — Interdito a menores de 18 anos.

Sábado, 3; domingo, 4; e segunda-feira, 5 — às 15.30 e 21.30 horas — GELADO DE LIMÃO II — Interdito a menores de 13 anos.

Domingo, 4 — às 11 horas (Sessão Infantil) — ASTÉRIX E CLEÓPATRA — Para maiores de 6 anos.

Terçafeir-a, 6 — às 21.30 horas — HEDDA — Interdito a menores de 13 anos.

— Estúdio 2002

Sábado, 3; Domingo, 4; segunda-feira, 5 — às 15.30 e 21.45 horas — DOCES FANTASIAS — Interdito a menores de 13 anos. Nos mesmos dias, às 18 horas (em 2.ª matinée) — A TRANSPLANTAÇÃO — Interdito a menores de 18 anos.

Sindicatos de Aveiro CONTRA O FABRICO DA BOMBA DE NEUTRÕES

Da União dos Sindicatos de Aveiro, recebemos, em 25 de Setembro findo, o seguinte texto:

MOÇÃO

As Organizações Sindicais abaixo designadas, reunidas em Plenário no dia 10.9.81 no Sindicato de Hotelaria de Aveiro, contestam e repudiam a decisão do Presidente Norte Americano de ordenar o fabrico da bomba de Neutrões.

Os Sindicatos subscritores consideram que tal decisão, a concretizar-se, acarretará como consequência uma nova e perigosa corrida aos armamentos, em prejuízo do desenvolvimento económico e social das populações e a insegurança dos povos da Europa e do Mundo. Por isso, contestam e repudiam veementemente tal decisão e apelam às Organizações dos Trabalhadores, Colectividades, Comissões de Moradores e população em geral para que, por todas as formas ao seu alcance, se manifestem no mesmo sentido, exigindo ao Governo Português, bem como aos restantes orgãos de soberania, que se pronunciem por uma clara oposição de Portugal ao fabrico de bombas de neutrões e desenvolvam uma política que tenha em vista o desenvolvimento e a paz no mundo para bem da Humanidade.

Aveiro, 10 de Setembro de 1981.

Sindicato dos Metalúrgicos; Sindicato dos Corticeiros; Sindicato dos Tapeteiros; Sindicato dos Gráficos; Sindicato da Função Pública; Sindicato do Serviço Doméstico; Sindicato das Madeiras; Sindicato das Conservas; Sindicato dos Rodoviários e Garagens; Sindicato do Calçado e Malas; Sindicato do Vestuário; Sindicato da Panificação; Sindicato dos Químicos do Norte; Sindicato dos Armazéns; Sindicato da Marinha Mercante; Sindicato dos Papeleiros; União Local dos Sindicatos de S. João da Madeira; União dos Sindicatos de Aveiro/CGTP/Intersindical.

No Distrito de Aveiro, amanhã, ELEMENTOS DO GOVERNO

Amanhã, sábado, dia 3, o Distrito de Aveiro será visitado pelos seguintes membros do Governo: Primeiro Ministro, Ministro da Administração Interna, Ministro da Agricultura, Pescas e Comércio, Secretário de Estado da Produção Agrícola, Secretário de Estado do Comércio, Secretário de Estado do Fomento Cooperativo e Subsecretário de Estado da Agricultura.

Estas relevantes personalidades políticas estarão: às 14 horas, em Vale de Cambra; e, às 18 horas, em Oliveira de Azeméis.

DELEGAÇÃO DE AVEIRO DO «SINDHAT»

Da Delegação Regional de Aveiro do **Sindicato Democrático da Hotelaria, Alimentação e Turismo,** recebemos, em 29 do mês findo, com o pedido de publicação o seguinte

COMUNICADO

«Formação da Delegação de Aveiro do Sindicato Democrático da Hotelaria, Alimentação e Turismo. — UGT.»

Após diversas reuniões com trabalhadores da indústria hoteleira do Distrito de Aveiro, foi constituída a Comissão provisória da Delegação de Aveiro do Sindicato Democrático da Hotelaria, Alimentação e Turismo, sendo que todos os contactos com a mesma se deverão processar por intermédio de: MARIA CLARA MARTINS — APARTADO 14, 3801 AVEIRO CODEX, ou Travessa do Catarino, n.º 3 — Alumieira — Mataduços — Esgueira — 3800 Aveiro.

Aproveita-se a oportunidade para se informar que o SINDHAT convida todos os trabalhadores da indústria hoteleira, alimentação e turismo para uma reunião a realizar-se no próximo dia 12 de Outubro de 1981, pelas 21.30 horas, na sede do Sindicato dos Trabalhadores de Escritórios e Comércio do Distrito de Aveiro, sita na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, n.º 77-1.º, em Aveiro, com a seguinte, ORDEM DE TRABALHOS:

1.º — Análise do processo de contratação colectiva da indústria hoteleira (Restaurantes, Cafés, Parques de Campismo e Hotéis);

2.º — Análise da situação político-sindical no sector e tarefas do sindicalismo democrático, nomeadamente do SINDHAT e da UGT no sector.

Aproveita-se ainda a oportunidade para informar que dentro em breve o SINDHAT irá promover cursos de aperfeiçoamento profissional para os trabalhadores seus associados e nomeadamente no campo da hotelaria. Também este organismo sindical prevê a realização de cursos de formação e de iniciação sindical para os seus associados, a realizarem-se com início em Janeiro de 1982, sendo que os trabalhadores interessados nestes cursos poderão desde já inscrever-se junto da comisão provisória da delegação de Aveiro do SINDHAT.

Em Aveiro EXPOSIÇÕES DE PINTURA

Com início amanhã, sábado, pelas 15.30 horas, Aveiro vai ter a oportunidade de apreciar duas exposições de pintura.

Na Galeria de Arte «A Grade», o aguarelista basco Ortiz Alfau apresenta, pela primeira vez nesta cidade, o seu incomparável trabalho.

Nascido em Bilbau em 1935, Rafael Ortiz Alfau cedo iniciou a sua vida artística, dedicando-se especialmente à aguarela e tornando-se um dos mais credenciados artistas do género no ocidente europeu.

Também no Salão Cultural da Câmara de Aveiro vão estar patentes ao público trabalhos do pintor esgueirense Lopes de Sousa, que nas telas tem colocado os seus óleos, tornando-os de uma beleza ímpar.

Lopes de Sousa apresenta-se, assim, pela nona vez, aos olhos do público, onde já criou uma admiração de relevante craveira.

Aveiro vem-se apresentando, no campo artístico, como um dos distritos de maior evidência.

Galerias de Arte como «A Grade», sita na Rua do Dr. Alberto Souto, 17-A, nesta cidade, que presenteia constantemente o público com a apresentação dos mais relevantes artistas nacionais e estrangeiros, ou artistas como Lopes de Sousa, que ao público delicia com os seus categorizados trabalhos, merecem bem o apoio que a Imprensa local lhes possa dispensar, bem como o público e as entidades oficiais.

ARTUR LAMEGO

JOAQUIM GONÇALVES

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO DO SEU FALECIMENTO

Sua viúva Dona Ilda Moreira Silva Neves, e família, comunicam que, no dia 6 de Outubro, será celebrada missa do 1.º ano do falecimento do seu ente querido, às 19.15 horas, na igreja de S. Gonçalo, desde já agradecendo a todos quantos se dignarem participar neste piedoso acto.

«Turismo Degradante»?!

Continuação da 1.ª Página

mundo tem a sua própria identidade, feita de valores, problemas e comportamentos específicos, e tal facto só é hoje negado por quem tem a mente trancada para a reflexão sobre o tempo que passa...

Que, ao gosto do Sr. Marcos, as jovens turistas que veraneiam anualmente por Aveiro não apareçam beneficiadas pela «beleza do rosto», nem tão-pouco pelo «atractivo de linhas» é tolerável, tratando-se de uma apreciação pessoal, a qual só poderia suscitar da minha parte a observação de que talvez as páginas do «LITORAL» não sejam o espaço indicado para conversas de alcova.

Que o Sr. Marcos brade contra a falta de higiene, quanto a ele visível nos «matulões» e «andrajosas» que por aqui se passeiam, também se tolera, consistindo o fulcro do problema numa questão de prioridades: o Sr. Marcos, partindo duma situação equiparada quanto a recursos disponíveis, nunca viajaria por esse mundo fora, vendo-se disso impedido pelos seus escrúpulos higiénicos. Pelo contrário, estes jovens de que o Sr Marcos escarnece, subestimam essas preocupações, suportam, inclusive, fomes forçadas, mas viajam, Sr. Marcos, gozam esse enorme prazer de conhecer novas terras e novas gentes, prazer que o Sr. certamente desconhece.

Questão de prioridades, disse. Também questão de cada qual se incomodar com o que bem entende. Porque eu, por exemplo, incomodado diariamente com os cheiros expelidos pela nossa Ria, tenho mais que fazer do que atender aos pés descalços veraneantes — que são obsessão para o Sr. Marcos —, por mais imundos que se apresentem, por mais em multidão que se encontrem (a propósito, quando diz que ninguém da nossa gente anda descalço pela rua, terei que deduzir que o Sr. fecha os olhos à passagem das crianças que aí mendigam, talvez para se baldar à inconveniente esmolinha, não?).

Mais custa a engolir as indirectas que o Sr. Marcos não se coíbe de mandar, em jeito de marota piscadela de olho, ao «governo democraticamente escolhido pelo povo», a propósito da sua condescendência para com os nudistas. Não porque os governos democráticos sejam intocáveis, se o fossem não seriam democráticos, mas porque, conjugando-se esta afirmação com uma outra em que se alerta para as sucessivas capitulações com que «temos vindo» (repare-se na forma verbal) a ceder «com os maus costumes, com a imoralidade... através da literatura... (saudosa censura, não é?) e da ausência de autoridade» (qual é que falta (?), é óbvio, a de antigamente, respondo), conjugando-se, dizia eu, estas duas citações, é caso para torcer o nariz e pensar se não será a própria democracia que é visada, o que, pelas características do resto do artigo, não seria propriamente inverosímil!!!...

No entanto, até isso se engole, é essa a superioridade ética da democracia, a de engolir vitupérios, proferidos com mais ou menos lata, que contra ela são lançados até por aqueles que, num passado recente, nunca foram capazes de engolir as oposições daqueles que falavam em nome da liberdade, sem as triturar. Para isso havia a censura, a polícia política, as prisões.

O que já me parece intolerável é que o Sr. Marcos insinue pelo caminho que a «pelintrice» dos jovens estrangeiros que vêm em busca do «sol da nossa amizade», retire qualquer interesse a este tipo de turismo. É que daí até pedir a interdição das fronteiras a «andrajosas», «cabeludos» com «calções um tanto esfiapados» e «camisola de meia manga», que só vêm para cá comer sanduiches, deixando ao abandono os hotéis de 4 ou 5 estrelas, vai de facto apenas um passo, e isso é, Sr. Marcos, inqualificável. Saiba o Sr. Marcos que em todos os países que, creio eu, se enquadram naquilo a que chama civilização (a não ser que esta tenha sido encurralada — pela loucura da humanidade, pois — aqui no rectangulozinho lusitano), são as instituições que criam condições vantajosas ao turismo juvenil, correspondendo ao saudável interesse dos jovens pelas viagens.

Posso-lhe citar como exemplo o do bilhete «inter-rail», modalidade estabelecida de comum acordo por várias companhias ferroviárias europeias, entre as quais a portuguesíssima CP, com vistas a facilitar monetariamente a utilização dos comboios por jovens, passando por cima, como é evidente, da inevitável redução dos rendimentos normais das tarifas.

Mas a isso é alheio o Sr. Marcos.

Para ele só entrariam cá excursões de milionários decrépitos, em viagem de lua de mel com a morte e, naturalmente, com generosos cordões para abrir as bolsas repletas de divisas. Os jovens, esses portadores de gérmenes, da imoralidade, da obscenidade, do pé-de-atleta e, pior que tudo, da pelintrice, esses, ficavam à porta, pois claro!

Que vão fazer nudismo para a terra deles, que a gente por cá prefere continuar de tanga!!!

Deixe-me que lhe diga, Sr. Marcos, o seu artigo revela-me a imagem de alguém vagamente visionário, mas dos que têm os olhos nas costas, para chorar o passado. EIS!

JOÃO JERÓNIMO

DAR SANGUE É UM DEVER

As árvores não morrem de pé

Continuação da 1.ª página

céu seus cadáveres de cinza num protesto vegetal e mudo.

Carregava no ventre a incandescência de tanta fornalha criminosa, onde os mil ódios se compraziam. Carregava no ventre o calor de todos os fogos, ardendo no atrito de tudo o que carregava no ventre.

Colhíamos de Setembro o «doce fruto» naquele engano cego e ledo...

...que a FORTUNA não deixa, de facto, durar muito.

Foi curto o parto deste Outono. Chegou pela noite e como gemeu o Verão, ao pari-lo.

Um enorme grito ecoou na cidade. Nas entranhas da terra estremeceram as raízes de tantos séculos, numa dor, que foi protesto e renúncia. Tombaram as grandes árvores no fragor de imensa agonia, solidárias do seu reino, desistentes destes homens. Desistiram de ser frescura, encerraram suas biológicas fontes de ar lavado, fecharam suas portas de esperança verde.

Sobre as suas raízes, escorrem ainda os líquidos natais, refrescando e humedecendo este Outono menino, nascido ontem na rajada clínica que nenhum homem deteve.

Set. 81

IDÁLIA SÁ-CHAVES

ANFITEATRO AVEIRENSE

Continuação da 1.ª Página

que, de facto, está o seu desenvolvimento solidamente assente nas actividades primárais regionais. Não aconteceu com Estarreja o que muitas vezes se observa: desenvolvimento secundário, industrial, desmedido, sem o correspondente apoio no sector primário, agricultura. Quando assim se faz, resultam inconvenientes gravíssimos de desiquilíbrios sociais e económicos — que não se deram, repetimos, em Estarreja.

A esta paz social e equilíbrio de «classes» se deve em grande parte o dinamismo que é constante nas actividades mais díspares nas gentes de Estarreja (concelho). E de tal modo foram estuantes no seu trabalho e aspirações de grandeza e poderio que souberam fomentar na região ocidental do seu concelho os desejos de independência administrativa que fizeram eclodir o novo concelho da **Murtosa**, criado em Outubro de 1926.

São diferentes as etnias dos dois concelhos e ainda hoje está para averiguar de fonte segura se serão verdadeiras as raízes fenícias, gregas ou nórdicas que Pinheiro Chagas e Teófilo Braga, entre outros, atribuíram «às formas esculturais, à palidez morena ou ao radioso olhar das Murtoseiras», ou à forma impante e atrevida das proas dos barcos moliceiros a que se atribui vulgarmente origem fenícia.

Não há uniformidade étnica nestes povos da Beira-Ria, mas é de crer que, tanto a beleza das mulheres, como a «elegância máscula e bem proporcionada» dos homens, lhes dessem caracteres físicos que os predispusessem para serem bons pescadores.

Provenientes ou não de antigas colónias de pescadores aqui fixados, este concelho é um exemplo acabado do que em geografia se chama «povoamento disperso». Vários núcleos populacionais formam este concelho, entre eles o de Pardelhas, onde se situa a sede do concelho.

Veiros, Santa Luzia, o Monte, Murtosa e Pardelhas formam como que uma única e enorme povoação com razoáveis estabelecimentos comerciais disseminados.

Gente de trabalho e de aventura, emigra com facilidade e épocas tem havido em que o montante de depósitos na Caixa Geral de Depósitos local é o maior ou dos maiores dos de todas as filiais do País.

É tão grande a sua ligação e o seu amor a Aveiro que um dos maiores anseios dos murtoseiros é a construção da estrada-dique Aveiro-Murtosa, que muito facilitaria as respectivas comunicações e encurtaria as respectivas distâncias.

Como vizinhos que são, os concelhos de Estarreja e da Murtosa contam-se entre os mais entusiastas propinantes da unidade do distrito de Aveiro. E nem admira que assim seja, porque ambos os concelhos abraçam amorosamente a «grande salva de prata que é a Ria».

Confinante com os concelhos de Estarreja e Murtosa, ao Norte, está o concelho de **Ovar.**

Júlio Dinis, Teixeira de Pinho, Dias Simões, Egas Moniz, etc., são figuras ilustres que muito se dedicaram ao estudo deste concelho e da vila onde está sediado.

Os caracteres raciais da gente vareira aproxima-a muito da da Murtosa, tendo as mulheres a mesma graça e esbelteza, muito próximas aliás das de Aveiro e de Ílhavo.

Tal como em Estarreja, também neste concelho de Ovar a actividade humana se concentra em torno da agricultura dos seus fertilíssimos campos, úberes pela sua qualidade própria e pelo moliço que da Ria lhe advem. Devido a isso, tem grande importância regional a pecuária, mormente a criação de gado de produção leiteira, fonte alimentadora da notável indústria de lacticínios que existe no seu agro.

Muitas mais indústrias se têm instalado e fixado neste concelho, o que lhe dá o nível de ser um dos mais ricos do Distrito, para o que muito contribui o arreigado espírito de iniciativa e bairrismo do seu povo. Bastará ver o modo como os vareiros animam a vida desportiva da Ria, com numerosas provas de vela e outras corridas que, partindo da sua linda praia do Areínho, demandam as terras de Aveiro.

É portanto com a maior propriedade que podemos afirmar que o concelho de Ovar abraça com o maior carinho a «grande salva de prata que é a Ria».

Orlando de Oliveira

P. S. — Não queremos interromper esta série de artigos sobre a Anfiteatro Aveirense. Por isso, só depois publicaremos um artigo sobre Regionalização, motivado por nota publicada pelo «Diário de Coimbra» sobre o aeródromo de Monte Real.

O. O.

Litoral

Correspondendo a disposição legal obrigatória, dimanada do Ministério da Comunicação Social, informa a Administração deste semanário que a tiragem média do «Litoral» correspondente ao mês transacto foi de 12.500 exemplares.

FUTEBOL

Aveiro nos Nacionais

III DIVISÃO

Resultados da 2.ª jornada

SÉRIE «B»

Tirsense — OVARENSE	1-1
P. BRANDÃO — Valonguense	2-0
Régua — Valadares	1-1
Infesta — Ermesinde	2-0
LUSITÂNIA — Paredes	2-0
Mogadourense — Marco	0-0
Candal — Carvalhais	2-0
Vilanovense — Lixa	0-2

SÉRIE «C»

ANADIA — Alcains	2-1
Penalva — ALBA	2-1
Quiaios — Viseu e Benfica	1-1
Seia — Naval	3-0
Pedrulhense — Mangualde	2-2
Tondela — Vildemoinhos	2-1
Esperança — Marialvas	1-0
Febres — ESTARREJA	1-1

Classificações

SÉRIE «B» — Infesta, 4 pontos; OVARENSE, PAÇOS DE BRANDÃO, LUSITÂNIA DE LOUROSA, Régua e Valadares, 3; Valonguense, Lixa, Tirsense, Marco e Candel, 2; Ermesinde e Mogadourense, 1; Carvalhais (menos um jogo), Vilanovense (menos um jogo) e Paredes, 0.

SÉRIE «C» — ANADIA, Seia e Penalva do Castelo, 4 pontos; Tondela, Quiaios e Viseu e Benfica, 3; Esperança (menos um jogo), Mangualde e Febres, 2; ESTARREJA (menos um jogo), Pedrulhense e Naval 1.º de Maio, 1; ALBA, Lusitano de Vildemoinhos, Alcains e Marialvas, 0.

Próxima Jornada

SÉRIE «B» — LUSITÂNIA DE LOUROSA — Mogadourense, Marco — PAÇOS DE BRANDÃO, Valonguense — Régua, Valadares — Vilanovense, Lixa — Candal, OVARENSE — Infesta, Paredes — Ermesinde e Candal — Carvalhais.

SÉRIE «C» — Seia — Penalva do Castelo, ALBA — ANADIA, Alcains — Esperança, Marialvas — Febres, Mangualde — Quiaios, Viseu e Benfica — Tondela, Naval 1.º de Maio — Lusitano de Vildemoinhos e ESTARREJA — Pedrulhense.

JUNIORES — I DIVISÃO

Resultados da 1.ª jornada

SÉRIE «B»

Amarante — Vilanovense	1-0
ESTARREJA — ESPINHO	(a)
Vildemoinhos — CORTEGAÇA	1-1
SANJOANENSE — Salgueiros	0-2
Porto — Boavista	1-0

(a) — **Adiado para 7 de Outubro**

SÉRIE «C»

BEIRA-MAR — ANADIA	1-1
C. Senhorim — U. Coimbra	(a)
Ac.º Coimbra — Fiais Telha	5-0
Mortágua — S. Romão	0-8
Buarcos — Vilar Formoso	2-2

(a) — **Jogo adiado.**

Próxima Jornada

SÉRIE «B» — Vilanovense — Porto, ESPINHO — Amarante, CORTEGAÇA — ESTARREJA, Salgueiros — Lusitano de Vildemoinhos e Boavista — SANJOANENSE.

SÉRIE «C» — ANADIA — Buarcos, União de Coimbra — BEIRA-MAR, Fiais da Telha — Canas de Senhorim, S. Romão — Académico de Coimbra e Vilar Formoso — Mortágua.

BEIRA-MAR, 1
ANADIA, 1

Jogo no Estádio de Mário Duarte, na tarde de sábado, sob arbitragem do sr. Paiva Geraldo, da Comissão Distrital de Coimbra, auxiliado pelos srs. Ferreira Rasteiro (bancada) e Costa Nobre (superior).

As equipas formaram deste modo:

BEIRA-MAR — Moreira; Ladeiro, João Paulo, Domingos e Nogueira; Costeira (ex-Gafanha), Zé Ribeiro e Moura; Rui, Manuel António (ex-Oliveirense) e Falcão.

ANADIA — Quim; Fausto, Zé Manel, Sérgio e Vítor; Jorge I (ex-Luso), Jorge II e Amadeu; Zé Augusto (Morais, aos 70 m.), Mário e Martinho.

1.ª parte — 0-1.

Marcadores — ZÉ AUGUSTO (28 m.), pelos anadienses; e FALCÃO (66 m.), pelos aveirenses.

Acção disciplinar — O árbitro mostrou o cartão «amarelo» a dois jogadores do Anadia, Sérgio (44 m.) e Jorge I (72 m.), por praticarem jogo considerado violento.

Embora a turma bairradina — com elementos de excelente compleição atlética — tivesse evidenciado melhor textura futebolística, actuando mais na ofensiva, a verdade é que o Beira-Mar acabou por justificar a igualdade, pelo seu espírito combativo e pelo autêntico **forcing** final da sua jovem e muito promissora equipa.

Nesse período, os beiramarenses dominaram as operações e disputeram, até, ensejos para chegar ao triunfo. No entanto, estamos em crer que o empate é o desfecho mais certo para o **derby** — em que a equipa de arbitragem produziu trabalho imparcial e positivo, apesar de várias «fífias» do **liner** que actuou do lado da bancada...

Académico Beira-Mar

iam defrontar a turma mais favorita de quantas tomam parte na Zona Centro do Campeonato Nacional da II Divisão. No entanto, mercê da forma inteligente como souberam organizar-se, na defesa, os auri-negros — com o guarda-redes Valter e todo o sector recuado em plano de muito relevo — impediram a turma de Coimbra, que dominou territorialmente, de chegar ao triunfo, forçando-a a dividir os pontos em jogo.

Muito coeso, muito seguro e calmo e confiante, o «onze» do Beira-Mar alcançou, asism, um magnífico resultado — que acaba por ter de aceitar-se, como sendo o mais lógico, em função da inoperância dos conimbricenses, ante o autêntico espartilho que envolveu os seus dianteiros...

Bom trabalho do árbitro lisboeta, num encontro sem «casos» e sem problemas. Quase no termo da primeira parte, houve **cartão amarelo** para o beiramarense Celton (por fazer retardar o jogo, demorando a reposição de uma bola saída pela linha lateral) — e este foi o único incidente digno de registo...

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 8 DO «TOTOBOLA»

11 de Outubro de 1981

1 — **Gil Vicente - Fafe**	X
2 — **Leixões - Salgueiros**	1
3 — **Amarante - Chaves**	1
4 — **Portalegrense - Oliveirense**	1
5 — **B.º C. Branco - U. Coimbra**	1
6 — **Cartaxo - Beira-Mar**	2
7 — **Guarda - Oliv. Bairro**	1
8 — **Peniche - Nazarenos**	1
9 — **Amadora - Juventude**	2
10 — **C. Piedade - Nacional**	1
11 — **Barreirense - V. da Gama**	1
12 — **Lusitano - Montijo**	1
13 — **Sacavenense - U. Madeira**	1

PROGNÓSTICOS DO 3.º CONCURSO EXTRA DO «TOTOBOLA»

14 de Outubro de 1981

1 — **Portugal - Suécia (a)**	1
2 — **Portugal - Suécia**	1
3 — **Nigéria - Argélia**	2
4 — **Roménia - Suiça**	1
5 — **R.D. Alemã - Polónia**	X
6 — **Áustria - Alemanha Fed.**	X
7 — **Albânia - Bulgária**	1
8 — **Holanda - Bélgica**	1
9 — **Irlanda - França**	1
10 — **P. Gales - Islândia**	1
11 — **Hungria - Suiça**	1
12 — **Grécia - Dinamarca**	1
13 — **Irlanda N. - Escócia**	1

(a) — **Resultado ao intervalo**

DESPORTOS

Continuação da última página

Xadrez de Notícias

TORAL da próxima semana) — vai organizar, no dia 11 de Outubro, o **I Grande Prémio de Motonáutica do Clube de Vela da Costa Nova.**

A prova, pontuável para o respectivo Campeonato Nacional, deve ter a presença de motonautas estrangeiros. Começará pelas 13 horas, no braço da Ria, na frente da praia da Costa Nova do Prado.

Tiveram início, ontem, os treinos da Secção de Atletismo do Beira-Mar — que estão programados para todo sos dias de semana, entre as 18.30 e as 21 horas (de segunda a sexta-feira) e entre as 16 e as 20 horas (aos sábados).

Em jogos particulares de basquetebol, recentemnte realizados para rodar as suas equipas, o SANGALHOS / Revigrés derrotou o Académico de Coimbra (86-65) e o Queluz (92-78); e a OVARENSE/Philips foi vencida (83-85), pelo Ginásio Figueirense.

A Secção de Ginástica do Beira-Mar tem abertas inscrições, até 10 de Outubro, para as Classes de Dança-Jazz (Iniciação e Especial) e para as Classes de Manutenção (Senhoras e Homens), que começam a funcionar, no próximo dia 12, no pavilhão da popular colectividade auri-negra, sob orientação da Prof.ª D. Maria do Carmo.

Começa a disputar-se, no próximo domingo, o Torneio Início da Associação de Futebol de Aveiro, reservado a clubes integrados na III Divisão Distrital.

Na ronda inaugural, teremos os seguintes jogos:

Zona Norte — Mosteiró — Paradela do Vouga e Ribeirinhos — Silveira. **Zona Centro** — Benfica e Gafanha — Macinhatense, Recardães — Bom Sucesso e Talhadas — Gafanha. **Zona Sul** — Mogofores — Calvão, Carmo — Amoreirense e Troviscalense — Ponte de Vagos.

BASQUETEBOL

1.ª parte — 17-41. **2.ª parte** — 34-47

Árbitros — Carlos Alegria e Luís Ferreira.

GALITOS (77) — Pedro Lemos (3), Beto Souto, Luís Miguel (4), Ravara (7), Rui Neves (5), Gonçalves, Peres (6), Sarmento (21) e Medureira (31).

A.R.C.A. (88) — Rufino (10), Azevedo (5), Carlos Pinto (17), Ferreira (10), José Pinto (4), Ribeiro (16), Costa (1), Almeida (4), Silva (3) e Pinheiro (18).

1.ª parte: 30-63. **2.ª parte**: 47-25.

Árbitros — Narcindo Vagos e Carlos Pinho.

★

Também no próximo fim-de-semana, vamos ter o começo de mais três campeonatos masculinos, nos escalões etários que adiante indicamos, tal como o programa de jogos de cada uma dessas provas, nas respectivas jornadas inaugurais:

JUNIORES

OVARENSE — SANJOANENSE, BEIRA-MAR — CUCUJÃES e ILLIABUM — SANGALHOS (todos amanhã, sábado, às 16 horas).

JUVENIS

Série A — SANGALHOS — C. B. I., SANJOANENSE — VAGOS e ESGUEIRA — A.R.C.A. (todos no domingo, pelas 10.30 horas).

Série B — AVANCA — BRANDOENSE, ACADÉMICA DE ÁGUEDA — GALITOS e BEIRA-MAR — ILLIABUM (todos no domingo, sendo o primeiro às 10.30 horas e os outros dois às 9 horas).

INICIADOS

VAGOS — ACADÉMICA DE ÁGUEDA, BEIRA-MAR A — GALITOS, AVANCA — SANJOANENSE, GINÁSIO DE ÁGUEDA — ILLIABUM-B, A.R.C.A. — ESGUEIRA, BEIRA-MAR-B — C.B.I. e ILLIABUM-A — SANGALHOS — todos na manhã de domingo, pelas 10.30 horas, à excepção do **Avanca — Sanjoanense** (que começa às 9 horas) e do **Beira-Mar-A — Galitos** (marcado para a manhã do dia 5).

Andebol de Sete

Porto - Académica	34-9
F. d'Holanda - Águas Santas	22-20

★

A competição, como tinhamos anunciado, iniciou-se na noite de sábado — tendo prosseguido, na tarde de domingo. Só que, porque não recebemos ainda da Federação o calendário geral dos campeonatos da época em curso, não nos foi possível indicar o programa da segunda ronda; e essa mesma circunstância nos impede de referir, na presente edição, quais os desafios calendariados para o próximo fim-de-semana.

CAMPEONATOS DE AVEIRO

I DIVISÃO — FEMININA

Resultados da 1.ª jornada

Albergaria - S. Bernardo	13-10
Águeda - Aprocred	17-20
Beira-Mar - Amoníaco	23-13

A prova prossegue nas tarde de amanhã e de segunda-feira (Dia de Feriado Nacional), com o seguinte programa de jogos:

Sábado, dia 3 — S. Bernardo — Águeda, Amoníaco — Albergaria e Aprocred — Beira-Mar.

Segunda-feira, dia 5 — Beira-Mar — S. Bernardo, Águeda — Albergaria e Amoníaco — Aprocred.

Ciclismo
GRANDE PRÉMIO «O Comércio do Porto»

Sousa; e dirigentes de três clubes: Coimbrões-Fagor, Ovarense-E. F. S. e Sangalhos-Bosch); muitos dos elementos que, por diversos títulos, integraram a caravana que acompanhou a prova; e os Administradores de «O Comércio do Porto», Drs. Neiva de Oliveira e Eduardo Pereira, o seu Director, Joaquim Queirós, e os homens-fortes da Delegação de Aveiro, Daniel Rodrigues e Capitão Joaquim Duarte — os grandes obreiros da corrida.

Na altura dos brindes, vários oradores puseram em devido relevo os principais objectivos — de ordem desportiva e de ordem extra e ultra-desportiva — daquela vultosa organização e teceram oportunas considerações sobre o excelente espectáculo que é o ciclismo e acerca das dificuldades com que os clubes que praticam a modalidade se debatem presentemente.

E falou-se sobre a realização, em 1982, do II GRANDE PRÉMIO DE «O COMÉRCIO DO PORTO» — que durará mais dois dias que na primeira edição (será corrido entre 12 e 18 de Maio) e que terá a presença, que pode considerar-se já assegurada, de uma equipa de ciclistas franceses. Aveiro será, de novo, o ponto de saída e a meta final da corrida.

Bem poderá dizer-se, no fecho desta nótula — em que, compreensivelmente, não nos é possível fazer o resumo dos discursos de todos os oradores — que, atingido o termo da primeira corrida, se pedala já, e em forte ritmo, na organização de mais um êxito.

XX Cruzeiro da Ria de Aveiro

sível obter as respectivas classificações oficiais, que vieram a ser ditadas pela ordem de chegada da regata entre Aveiro e Ovar.

Indicamos apenas os nomes dos diversos triunfadores no **XX Cruzeiro da Ria de Aveiro**:

Vauriens — José Pinho — Horácio Paradela (Ovarense).

Windsurf — Jorge Cruz (Ovarense).

Sharpies de 12 metros — Adolfo Paião — Carlos Barros (Clube de Vela da Costa Nova).

Laser — Aníbal Paião (Clube de Vela da Costa Nova).

Snipes — José Ramada — Vasco Lopes (Ovarense).

Flying Júnior — António Eduardo — José Luciano (Ovarense).

Europe — Luís Leal Faria (C. N. O. C. A.).

Optimist — Gonçalo Guerra (Clube de Vela Atlântico).

Andorinhas — Manuel Paradela — Carlos Neves (Ovarense).

Catmaran — João Machado — António Machado (Catamaran Clube de Portugal).

470 — Jorge Silva — António Henriques (Sporting de Aveiro).

Vougas e Pequenos Cruzeiros — Francisco Oliveira Leite — Teresa Leite — Luís Azbriu (Clube de Vela da Costa Nova).

FUTEBOL

SUMÁRIO DISTRITAL

I DIVISÃO

Resultados da 3.ª jornada

Paivense — Avanca	1-1
Carregosense — Esmoriz	1-2
Vaguense — Luso	1-0
Barrô — Arrifanense	0-1
Fiães — Sanguedo	3-2
Pessegueirense — Valonguense	0-0
Mealhada — Relâmpago	2-1
Cortegaça — Valecambrense	0-0
S. Roque — Cesarense	1-0
Cucujães — Arouca	5-0

Classificação

Esmoriz e Cucujães, 7 pontos; Arrifanense, 6; Mealhada, Vaguense e Fiães, 5; Valecambrense (menos um jogo), Luso, Pessegueirense, Valonguense, Avanca, Cortegaça, Arouca e Paivense, 4; S. Roque menos dois jogos), Cesarense, Sanguedo, Carregosense e Barrô, 3; Relâmpago Nogueirense (menos um jogo), 2.

Próxima Jornada

Avanca — Cucujães, Esmoriz — Paivense, Luso — Carregosense, Arrifanense — Vaguense, Sanguedo — Barrô, Valonguense — Fiães, Relâmpago Nogueirense — Pesseguei. rense, Valecambrense — Mealhada, Cesarense — Cortegaça e Arouca — S. Roque.

AVEIRO *nos* NACIONAIS

I DIVISÃO

Resultados da 6.ª jornada

Braga — Porto	1-1
Vit. Setúbal — Ac.º Viseu	4-0
Penafiel — Belenenses	3-1
ESPINHO — Sporting	0-1
Boavista — Rio Ave	0-0
Benfica — Estoril	3-0
Portimonense — Amora	1-1
U. Leiria — Vit. Guimarães	1-0

Classificação actual

Sporting e Porto, 11 pontos; Benfica, 8; Vitória de Setúbal e Vitória de Guimarães, 7; Penafiel e Rio Ave, 6; Boavista, Belenenses, ESPINHO, Portimonense, Estoril e Braga, 5; Amora, 4; Académico de Viseu e União de Leiria, 3.

Próxima Jornada — Dia 18

Sporting de Braga — Vitória de Setúbal, Académico de Viseu — Penafiel, Belenenses — ESPINHO, Sporting — Boavista, Rio Ave — Benfica, Estoril — Portimonense, Amora — União de Leiria e Porto — Vitória de Guimarães.

II DIVISÃO

Resultados da 2.ª jornada

ZONA NORTE

Fafe — Leça	2-1
Valdevez — FEIRENSE	0-1
Gil Vicente — Salgueiros	2-1
Paços Ferreira — Bragança	1-0
Leixões — Chaves	4-1
Varzim — Famalicão	0-0
Amarante — Neves	0-0
SANJOANENSE — LAMAS	0-0

ZONA CENTRO

Rio Maior — U. Santarém	0-0
Alcobaça — OLIVEIRENSE	3-1
RECREIO — Covilhã	4-1
Portalegrense — U. Coimbra	2-1
Ac.º Coimbra — BEIRA-MAR	0-0
Benf.ª C. Branco — O. BAIRRO	2-0
Cartaxo — Nazarenos	0-1
Guarda — Peniche	0-0

Classificações

ZONA NORTE — Leixões, 4 pontos; Varzim, SANJOANENSE, Fafe, FEIRENSE e Paços de Ferreira, 3; Salgueiros, Gil Vicente, UNIÃO DE LAMAS, Amarante e Bragança, 2; Famalicão, Chaves e Neves, 1; Leça e Valdevez, 0.

ZONA CENTRO — RECREIO DE ÁGUEDA e Nazarenos, 4 pontos; BEIRA-MAR e União de Santarém, 3; Ginásio de Alcobaça, Cartaxo, Académico de Coimbra, Benfica de Castelo Branco, OLIVEIRENSE, Sporting da Covilhã e Portalegrense, 2; Peniche, Rio Maior, Guarda e OLIVEIRA DO BAIRRO, 1; União de Coimbra, 0.

Próxima Jornada

ZONA NORTE — Fafe — Valdevez, FEIRENSE — Gil Vicente, Salgueiros — Paços de Ferreira, Bragança — Leixões, Chaves — Varzim, Famalicão — Amarante, Neves — SANJOANENSE e Leça — UNIÃO DE LAMAS.

ZONA CENTRO — Rio Maior — Ginásio de Alcobaça, OLIVEIRENSE — RECREIO DE ÁGUEDA, Sporting da Covilhã — Portalegrense, União de Coimbra — Académico de Coimbra, BEIRA-MAR — Benfica de Castelo Branco, OLIVEIRA DO BAIRRO — Cartaxo, Nazarenos — Guarda e União de Santarém — Peniche.

Continua na penúltima página

Magnífico resultado

AC.º DE COIMBRA, 0 BEIRA-MAR, 0

Jogo no Estádio Municipal de Coimbra, sob arbitragem do sr. Lopes Martins, coadjuvado pelos srs. Mário Mano (bancada coberta) e Joaquim Moreira (bancada descoberta) — um «trio» da Comissão Distrital de Lisboa.

As equipas formaram deste modo:

ACADÉMICO — Gaspar; Tomás (Mário Wilson, aos 46 m.), Santana, José Freixo e Germano; Parente, Rosado e Camegim (Aquiles, aos 70 m.); Nicolau, Eldon e Ibraim.

BEIRA-MAR — Valter; Silva, Joca, Celton e Marques; Cambraia (Manuel Dias, aos 72 m.), Quim e Guedes; Tony, Meco e José Carlos (Jordão, aos 72 m.).

Era reconhecidamente difícil a deslocação dos beiramarenses, que

Continua na penúltima página

Xadrez de Notícias

Contra o que tencionávamos, não nos é possível incluir, na presente edição, a notícia referente à cerimónia da posse dos novos dirigentes do Beira-Mar e um apontamento alusivo à presença das selecções aveirenses de mini-basquete no «Minicesto/81», realizado no Funchal, entre 1 e 6 de Setembro.

O basquetebolista norte-americano Bruce Shockman, vindo de North Dakota, será reforço precioso (assim se prevê e espera) para a turma da Sanjoanense, que, esta época, de novo sob a orientação do Dr. António Pinto, aposta forte na possibilidade de subir à I Divisão.

Demonstrando extraordinário dinamismo, o recém formado Clube de Vela da Costa Nova — depois da realização, no passado fim-de-semana, da sua **I Regata de Vela** (cujas classificações, já em nosso poder, divulgaremos no LI-

Continua na penúltima página

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO — ZONA NORTE

Resultados da 1.ª jornada

Ac. S. Mamede - Académico	18-16
Águas Santas - Desp. Póvoa	17-13
Fermentões - Porto	20-29
S. BERNARDO - F. d'Holanda	17-17
Académica - Espinho	17-19
Desp. Portugal - Maia	24-18

Resultados da 2.ª jornada

Académico - Desp. Póvoa	20-18
Ac. S. Mamede - Fermentões	34-25
Maia - S. BERNARDO	21-18
Espinho - Desp. Portugal	18-18

Continua na penúltima página

Já em curso os CAMPEONATOS DE AVEIRO

No passado fim-de-semana, teve início o Campeonato de Seniores Masculinos — tendo ficado em forçada «folga» a turma do Illiabum, por desistência da Académica de Águeda, seu parceiro na ronda de abertura.

Disputaram-se dois jogos no sábado, à noite, tendo sido antecipado, para a véspera, a partida entre esgueirenses e bairradinos. Registaram-se os seguintes desfechos:

GALITOS — A.R.C.A.	77-88
BEIRA-MAR — SANJOANE.	51-88
ESGUEIRA — SANGALHOS	36-141

Na segunda jornada, prevista para amanhã, defrontam-se: A.R.C.A. — SANJOANENSE (18 horas), SANGALHOS — GALITOS e BEIRA-MAR — ILLIABUM (ambos às 21.30 horas).

★

Resenhas dos jogos

ESGUEIRA (36) — Nelo (3-0), Costa (0-4), Gamelas (4-2), Isidro (0-6), Maximino (2-3), Vítor (2-8) e João Jaime (0-2).

SANGALHOS (134) — Luís, Lobo (6-16), «Bill» (10-0), Miguel (2-8), Rebelo (14-4), Neal (0-29), Araújo (0-7), Zé Manel (9-2), Agapito (8-13) e Aniceto (10-3).

1.ª parte — 11-59. 2.ª parte — 25-82

Árbitros — Narsindo Vagos e Iracy Pinho.

BEIRA-MAR (51) — Rui Redondo (7-4), Padilha (0-4), Tó Melo (0-8), Peixinho (4-4), «Kelly» (2-5), Marques (4-2) e Rui Mata (0-7).

SANJOANENSE (88) — Margalho (2-5), Aguiar (0-10), Zé Manel (12-13), Lopes (14-7), Cassiano (11-2), David (0-4), Borges (0-1) e Ilídio (2-5).

Continua na penúltima página

ESTARREJA FICOU NA III DIVISÃO

A pendência existente entre o Sporting de Lamego e o Estarreja, que vinha a arrastar-se desde Maio — aquando do desafio que ambos disputaram no Campo dos Remédios e cujo resultado foi oportunamente alvo de protesto dos estarrejenses — teve o seu epílogo na penúltima quarta-feira, com a repetição do jogo, no Estádio do Fontelo, em Viseu. Registou-se um empate sem golos, servindo o nulo os interesses da turma do Estarreja, que, assim, permanece na III Divisão Nacional — em cujo campeonato fez, já no domingo, o primeiro encontro.

Para a vaga que os estarrejenses deixaram em aberto, na I Divisão Distrital, foi repescado o grupo do S. Roque, que havia baixado à II Divisão da A. F. de Aveiro.

CAVES ALIANÇA, em Sangalhos, foram a meta final da corrida internacional de ciclismo Aveiro — Vilar Formoso — primeira edição, disputada entre 12 e 16 de Maio, de uma prova que, embora debutante, terá de ser uma clássica da velocipedia portuguesa: o GRANDE PRÉMIO DE «O COMÉRCIO DO PORTO».

Foi ao fim da tarde da passada sexta-feira. Num convívio festivo, foram entregues os prémios — muitos e deveras valiosos e significativos (como, por exemplo, as várias camisolas que o prestigiado matutino nortenho decidiu devolver aos respectivos patrocinadores; e a magnífica motorizada «E. F. S.» que, por sorteio, ficou a pertencer ao nosso amigo José de Oliveira Naia) — referentes ao GRANDE PRÉMIO DE «O COMÉRCIO DO PORTO». Na cerimónia, estiveram presentes entidades oficiais (Chefe do Distrito, representantes das Câmaras Municipais de Aveiro e Celorico da Beira) e desportivas (Presidentes da Federação Portuguesa de Ciclismo e da Associação de Ciclismo de Aveiro; o Director da Corrida, Sidónio de

Continua na penúltima página

XX CRUZEIRO DA RIA DE AVEIRO

Integrado, uma vez mais, no programa desportivo da FESTA DA RIA/81 — um programa que, em anos futuros, carece de ser devidamente revisto e oportunamente divulgado com a necessária antecipação — realizou-se, no passado mês de Agosto, o **XX Cruzeiro da Ria de Aveiro.**

Organizada pela Secção Náutica da Associação Desportiva Ovarense, a já tradicional maratona vélica comportando duas regatas (Ovar — Aveiro e Aveiro — Ovar) reuniu a presença de elevado número de concorrentes: foram, de facto, 230 os velejadores que competiram e confraternizaram durante o cruzeiro, evidenciando salutar espírito desportivo, em especial pelas contrariedades do primeiro dia da competição, em que todos acabaram por ser desclassificados!

Foi o caso: por falta de vento, grande número de barcos (que saíram de Ovar cerca das 12.30 horas) teve de vir a reboque para Aveiro e não houve nenhuma embarcação que conseguisse atingir esta cidade dentro do tempo limite fixado para a regata, e que era de cinco horas. Os velejadores só já de noite lograram desembarcar, nas margens do Canal Central.

As nótulas que hoje trazemos às colunas do LITORAL foram recolhidas de recente edição do nosso prezado colega «Notícias de Ovar» — de que nos socorremos, como no ano findo, para registar neste semanário, as classificações do **XX Cruzeiro da Ria de Aveiro.** É que, não obstante diligências que temos feito nesse sentido, não nos foi pos-

Continua na penúltima página